

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 21 de abril de 1996

A cidade das SQS e da W-3 tem também lugares com nomes bucólicos como Bambolê da Dona Sarah, estranhos como Papuda e líricos como Campo da Esperança. Cada um é um capítulo da história de Brasília

DICIONÁRIO DA CAPITAL

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

PALÁCIO DO BURITI

Graças ao escritor Affonso Arinos (tio do Afonso Arinos), o Palácio do Buriti não se chama Palácio do Xaciába, ou quem sabe Palácio do Macro-Jê, nomes de tribos indígenas que habitaram essa região muito antes do desbravamento dos Bandeirantes, no século XVIII. O então prefeito do Distrito Federal, Wadjô Gomide, pensava em homenagear os nativos dessa terra, mas foi barrado por alguns assessores, entre eles o jornalista J.O. Barbosa Gonçalves, o Gueguê. Numa jogada de primeira, Gueguê levou a Wadjô uma charge mostrando o prefeito numa tribo indígena. "Prefeito, assim o senhor será tratado pela imprensa se colocar este nome", aconselhou o assessor. Gueguê não confirma nem desmente essa versão, contada pelo cartunista Gougon. Se assim foi, deu certo. Recorreu-se então a um belo texto do escritor Affonso Arinos (tio do deputado federal Afonso Arinos, morto em 1990) onde ele fala de uma civilização nascida perto de um buriti. Uma muda foi plantada em frente ao Palácio, e fez-se a inauguração.

trecho de Pelo Sertão, Affonso Arinos (F. Bruguet & Cia Editores, 1947, Rio de Janeiro)

"Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho

Buriti Perdido. Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores à narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito à vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévias, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referee na mente de cada um dos filhos desta terra."

BAMBOLÊ DA DONA SARAH

Não tem como evitar. Quem vai para o aeroporto tem de circundar o bambolê da dona Sarah. Brasília estava sendo construída quando a primeira-dama, Sarah Kubitschek, se apaixonou pelo balão de acesso ao aeroporto. Mandou arborizar e tinha o cuidado de fiscalizar a limpeza do lugar. "Na época, o bambolê era sucesso na cintura das meninas", conta o empresário Ildeu de Oliveira, que trabalhava para o presidente Juscelino Kubitschek. Os aros de plástico colorido eram vistos em todos lugares, mesmo na recém-nascida Brasília. Mas não consta que dona Sarah, então jovem senhora, desobedecesse o



cerimonial para saracotear num bambolê.

CAMPO DA ESPERANÇA

Havia uma escrava alforriada, Esperança, que acolhia escravos fugitivos de senzalas na Bahia, Minas e Goiás num quilombo onde hoje é a Praça dos Três Poderes. Segundo a lenda, Esperança morreu de lepra, os benzedeiros se recusaram a enterrá-la no cemitério próximo à vila, temerosos de contaminação. Um fazendeiro de nome Joaquim Guayano mandou sepultá-la num campo afastado do povoado, lugar que passou a ser conhecido como Campo da Esperança.

ELEFANTE BRANCO

O prédio enorme do Centro de Ensino Médio da 908 Sul tem duas rampas de acesso que parecem a trom-

ba e o rabo do elefante, foi pintado de branco e ficou muito tempo fechado antes da inauguração. O vice-diretor do Elefante Branco, Carlos Alberto Barbosa Alves, conta que ao inaugurar-lo, Juscelino Kubitschek comentou: "Parece um elefante". Uma das maiores escolas públicas do Distrito Federal tem 4 mil alunos em três turnos e não se importa de carregar um nome aparentemente jocoso.

RECANTO DAS EMAS

Havia no local uma espécie de arbusto denominado canela-de-ema. Ao mesmo tempo, alguns moradores mais antigos afirmam que as emas costumavam transitar por ali antes do desmantelamento da área. Muitas das emas do Recanto foram doadas ao Zoológico de Brasília.

PAPUDA

Antes de entrar em vigor a lei que

obriga os fornecedores de sal a incluir iodio no produto, era comum encontrar no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país gente com um papo enorme no pescoço, provocado pelo inchaço na glândula tireóide. Na Fazenda Santo Antônio, onde hoje estão instalados o Centro de Internação e Reeducação (Cir) e o Núcleo de Custódia, morava uma mulher assim, Papuda. O Departamento de Patrimônio Histórico do Distrito Federal (Depha) registra que a tal fazenda chamava-se Santo Antônio da Papuda. O diretor do Cir, Hertz Andrade dos Santos, já ouviu essa história, mas não sabe dizer quem era a Papuda. "Dizem que ela morava aqui por perto".

AVENIDA SAMDU

Uma das avenidas mais importantes de Taguatinga e assim chamada por abrigar um posto de saúde entre o Colégio Taguatinga e a QNF. A si-

glia Samdu quer dizer Serviço de Atendimento Médico Domiciliar de Urgência.

PONTE DO BRAGHETO

A ponte que ligava o Eixão ao Lago Norte estava sendo construída ao lado do acampamento da empresa Bragheto & Carvalho, que participava da construção da cidade. Lá morava o chefe do acampamento, Luiz Carvalho. A mulher dele fez um viveiro de colibris, pacas, micos e veados. Por isso o acampamento era muito conhecido na cidade. Ao contrário do que muitos imaginam, não foi a Bragheto que construiu a ponte, garante a pesquisadora Roberta Lott, do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal.

PRAÇA DO BICALHO

O comerciante Moacir Dias Bicalho montou o primeiro armazém da QND, em Taguatinga. Até hoje o filho, também Moacir, mantém a loja Bicalho Móveis no mesmo prédio.

CEILÂNDIA

Vem de Cei (Comissão de Erradicação de Invasões), criada no governo Hélio Prates da Silveira, para acabar com a invasão do Iapi (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários), que ficava ao lado do Hospital do Iapi, na antiga Cidade Livre. A Comissão transferiu a invasão para onde hoje é a Ceilândia.